

CAPÍTULO II

[O SIGNIFICADO DAS PALAVRAS]



AGOSTINHO – Está pois assente entre nós que as palavras são sinais.

ADEODATO – Está.

AGOSTINHO – E que dizes: o sinal pode ser sinal se não significar alguma coisa?

ADEODATO – Não pode.

AGOSTINHO – Quantas palavras há neste verso: “*Si nihil ex tanta Superis placet urbe relinqui*” (se nada, de

tamanha cidade, apraz aos deuses que fique – Eneida, II, v. 659).

ADEODATO – Oito.

AGOSTINHO – Há então oito sinais.

ADEODATO – Sim.

AGOSTINHO – Suponho que entendes este verso.

ADEODATO – Julgo que sim.

AGOSTINHO – Diz-me o que significa cada palavra.

ADEODATO – Francamente, eu vejo o que significa — *si* (*se*), mas não encontro outra palavra com que isso se possa exprimir.

AGOSTINHO – Descobres ao menos onde se encontra o que é significado por essa palavra, seja isso o que for?

ADEODATO – É claro que *si* significa dúvida; ora, onde está a dúvida, senão no espírito?

AGOSTINHO – Admito-o por agora; passa às outras palavras.

ADEODATO – Que significa *nihil* (nada), senão o que não existe?

AGOSTINHO – Talvez digas a verdade, mas impede-me de concordar com o que acima concedeste: que não há sinal que não signifique alguma coisa. Ora, o que não existe não pode de maneira nenhuma ser alguma coisa. Portanto, a segunda palavra, neste verso, não é sinal, pois não significa uma coisa. Foi pois falsamente por nós assente que todas as palavras são sinais, ou então que todo sinal significa alguma coisa.

ADEODATO – Apertas-me fortemente, na verdade; mas quando não temos nada que significar é completamente estulto proferirmos qualquer palavra. Ora, neste momento, falando comigo, creio que tu nenhum som proferes em vão; pelo contrário, com todos os que saem da tua boca, dás-me sinal para eu entender alguma coisa. Por conseguinte não deves pronunciar essas duas sílabas ao falares, se com elas não significas coisa alguma. Mas se vês que por elas se faz uma prolação necessária, e que somos ensinados ou rememorados quando elas nos soam aos ouvidos, vês também com certeza o que pretendo dizer, mas não consigo explicar.

AGOSTINHO – Que concluímos então? De preferência a uma coisa que é nula, diremos antes que por esta palavra se significa certa impressão do espírito, quando este não vê uma coisa, e não obstante descobre ou pensa ter descoberto que ela não existe?

ADEODATO – Talvez fosse isso mesmo o que eu tentava explicar.

AGOSTINHO – Seja como for, passemos adiante, não nos venha a suceder uma coisa mais que absurda.

ADEODATO – Qual, enfim?

AGOSTINHO – Que o nada nos retenha e percamos o tempo.

ADEODATO – De fato é de fazer rir, e todavia não sei como, vejo que pode acontecer; melhor, vejo claramente que já aconteceu.

AGOSTINHO – Se Deus quiser, compreenderemos mais claramente este gênero de contra-senso, na devida altura. Volta agora ao tal verso e esforça-te, como puderes, por esclarecer o que significam as suas restantes palavras.

ADEODATO – A terceira palavra é a preposição *ex* (de), em vez da qual julgo poderemos dizer [a preposição latina] *de*.

AGOSTINHO – O que eu pretendo não é que em vez duma palavra conhecidíssima digas outra igualmente conhecidíssima, que signifique o mesmo, se é que significa o mesmo. Concedamos por agora que seja assim. Certamente se este poeta, em vez de *ex tanta urbe*, tivesse dito *de tanta*, e eu te perguntasse o que significava *de*, tu dirias *ex*, por se tratar de duas palavras, isto é de dois sinais, que no teu parecer significam uma

única coisa. Pois é precisamente isso mesmo, esse não sei quê de comum, significado por estes dois sinais, que eu desejo saber.

ADEODATO – Parece-me significar certa separação, a partir duma coisa em que estivera outra, que se diz proceder dela. Pode esta não permanecer, como sucede no verso em questão, em que, não existindo já a cidade, podiam alguns troianos proceder *dela*; e pode permanecer, como quando dizemos haver em África negociantes procedentes *da* cidade de Roma.

AGOSTINHO – Concedendo que seja assim, e deixando de enumerar grande número de casos que talvez se encontrem à margem da tua regra, é-te certamente fácil reconhecer que expuseste palavras por meio de palavras, isto é, sinais por sinais, coisas conhecidíssimas por outras igualmente conhecidíssimas. Ora, o que eu queria era que me mostrasses, se fosses capaz, as coisas mesmas de que tais palavras são sinais.